



TEMPO E O SENTIDO DA VIDA ENTRE ALUNOS DO 1º E 5º ANO DE PSICOLOGIA

Ana Beatriz Curiel Waldemarin de Oliveira; Natália Cristina Castanho; Sarah Letícia Ferreira de
Oliveira; Profª. Orientadora: Ms. Gislaine Lima da Silva

aninhacuriel@gmail.com

Departamento de Psicologia – UniSALESIANO de Lins – PIBIC/CNPq

Introdução:

A busca pelo sentido da vida acompanha a trajetória humana e emerge como uma questão existencial de profunda relevância. No contexto da formação em Psicologia, tal reflexão adquire contornos particulares, pois a própria natureza da profissão convida à escuta, à introspecção e à problematização das experiências subjetivas. Compreender como estudantes em diferentes estágios da graduação significam o tempo e atribuem sentido à vida oferece importantes pistas sobre os efeitos da formação acadêmica na constituição do sujeito. Este estudo parte da compreensão do tempo não como cronologia linear, mas como vivência — tempo existencial, em que passado, presente e futuro se entrelaçam na construção de significados. A partir da fenomenologia existencial, especialmente nos aportes de Heidegger, Merleau-Ponty e Sartre, busca-se compreender o modo como o ser humano, lançado no mundo, se constitui nas experiências e nas escolhas que realiza ao longo do tempo.

Nesse cenário, a universidade é concebida como espaço privilegiado de formação do ser-no-mundo, não apenas pela aquisição de conhecimento técnico, mas sobretudo por propiciar encontros, rupturas, crises e reconfigurações de si. O estudante ingressa na graduação carregado de expectativas e, ao longo da trajetória, confronta-se com desafios que mobilizam sua subjetividade, exigindo reelaboração de sentidos. Diante disso, torna-se relevante perguntar: como os alunos do início e do final do curso de Psicologia vivenciam o tempo e o sentido da vida? Que transformações são observadas nesse percurso? Como os eventos históricos recentes, como a pandemia, atravessam essas construções?

Inspirado por essas inquietações, este trabalho adotou uma abordagem qualitativa e interpretou os discursos dos alunos à luz de autores contemporâneos como Byung-Chul Han, que evidencia a exaustão do sujeito na sociedade do desempenho, e também sob o prisma existencial, onde a liberdade e a responsabilidade pela própria existência são postas em jogo. Entende-se que o tempo vivido na graduação não apenas transforma a relação do sujeito consigo e com o mundo, mas também reposiciona suas escolhas e compreensões sobre o que é viver com sentido. A escuta dessas narrativas permite vislumbrar o impacto da formação acadêmica na construção do existir e revela a complexidade da travessia que é ser estudante de Psicologia.

Objetivos:

O objetivo é analisar as perspectivas sobre o sentido da vida entre estudantes do 1º e 5º anos de Psicologia, identificando possíveis mudanças de percepção ao longo da graduação, especialmente diante de eventos marcantes como a pandemia de COVID-19 e a vivência em estágios e projetos. O estudo também busca relacionar essas percepções com marcos filosóficos do existencialismo e fenomenologia.

Método:

A investigação ancorou-se nos aportes teóricos do existencialismo e da fenomenologia, com ênfase nos conceitos de temporalidade, autenticidade e liberdade desenvolvidos por autores como Heidegger, Sartre e Merleau-Ponty, visando uma leitura aprofundada dos sentidos atribuídos à existência no processo formativo de futuros psicólogos.

A pesquisa foi aprovada na Plataforma Brasil (10/04/2023). A coleta foi realizada em dezembro de 2023 com 24 alunos de uma faculdade do interior paulista (12 do 1º ano e 12 do 5º ano), sendo analisados neste artigo 10 (5 de cada ano). O instrumento foi um questionário com 5 perguntas abertas, permitindo uma abordagem qualitativa. As respostas foram organizadas em eixos temáticos e discutidas à luz dos autores mencionados.

Resultados e Discussão:

Os dados analisados revelaram diferenças significativas na forma como estudantes do 1º e do 5º anos do curso de Psicologia constroem o sentido da vida a partir de suas experiências acadêmicas e existenciais.

Foi possível identificar quatro eixos principais que atravessam os discursos dos participantes: (1) o **sentido da vida como ajuda ao outro**, relacionado ao desejo de cuidar, escutar e transformar a vida alheia como via de realização existencial; (2) o **sentido como realização pessoal**, que emerge tanto como projeto de autoconhecimento quanto como busca por estabilidade e reconhecimento subjetivo e social; (3) o **tempo como processo de amadurecimento**, que traduz a travessia universitária como uma experiência de transformações internas diante das exigências e rupturas vividas; e (4) a **pandemia como ruptura existencial**, compreendida como um marco temporal que desestabiliza e ressignifica prioridades, relações e modos de ser-no-mundo. Esses eixos, embora presentes nos dois grupos, se manifestam com tonalidades distintas, refletindo os diferentes estágios da formação e da existência.

Entre os alunos do 1º ano, há uma predominância de discursos marcados por idealização da profissão e esperança no futuro. O desejo de “ajudar o outro” aparece como eixo central na concepção de sentido da vida. A universidade é vista como um espaço de possibilidades e autodescoberta. O tempo é entendido como oportunidade de crescimento e transformação. Em termos fenomenológicos, observa-

se um estágio de pré-compreensão do ser, conforme Heidegger, com certa inautenticidade, dado o predomínio de expectativas externas e representações idealizadas do futuro profissional. O projeto de vida é ancorado em ideais e na crença de que a formação proporcionará sentido e pertencimento.

Nos discursos dos alunos do 5º ano, as respostas são mais densas, introspectivas e críticas. A idealização cede espaço à reflexão madura, marcada por confrontos com os limites da prática e com vivências emocionais significativas — seja nos estágios, em projetos ou durante a pandemia. O sentido da vida passa a ser formulado de forma mais individualizada, vinculado a experiências concretas e à reconstrução de propósitos frente às adversidades. O tempo é compreendido não como mera linha cronológica, mas como experiência existencial, muitas vezes atravessada pela angústia e pela necessidade de escolha. A liberdade, nesse estágio, deixa de ser percebida apenas como possibilidade e passa a ser vivida como responsabilidade, nos moldes da filosofia de Sartre.

A pandemia da COVID-19 apareceu como marco importante, especialmente para os formandos. É compreendida como ruptura temporal e existencial, catalisando momentos de sofrimento, ressignificação e redirecionamento de vida. Muitos estudantes relatam que o isolamento social provocou uma reavaliação profunda de valores, objetivos e relações pessoais, evidenciando a transitoriedade da existência. A pandemia, nesse sentido, não só interrompeu o tempo cotidiano, mas instaurou um tempo suspenso — um intervalo onde emergiram novas perguntas sobre si, o outro e o mundo.

O referencial teórico fundamentou-se em perspectivas fenomenológico-existenciais e contribuíram de maneira decisiva para a leitura dos resultados. A partir de Heidegger, o conceito de *Dasein* permitiu compreender os modos de ser dos estudantes em sua trajetória acadêmica, revelando a oscilação entre existências inautênticas, marcadas por representações sociais e expectativas externas, e existências autênticas, em que o sujeito se vê convocado à responsabilização por seu próprio projeto de ser. A noção de temporalidade existencial heideggeriana é central para a análise dos sentidos atribuídos ao tempo vivido na graduação, que não se reduz à linearidade cronológica, mas se expressa na forma como o sujeito se projeta, se compreende e se atualiza no mundo.

Sob a ótica de Sartre, emergem tensões fundamentais entre liberdade e angústia, particularmente evidentes nos relatos de estudantes do 5º ano diante da iminência da atuação profissional. A liberdade, compreendida como condenação à escolha, implica reconhecer que o sujeito não apenas é o que escolhe ser, mas também carrega o peso de suas escolhas. Essa dimensão existencial contribui para entender os deslocamentos subjetivos e as reavaliações de sentido que ocorrem no decorrer da formação.

Por fim, Byung-Chul Han, ao refletir sobre o sofrimento psíquico contemporâneo na sociedade do desempenho, oferece subsídios importantes para pensar as formas de adoecimento que atravessam os estudantes universitários. A pressão por produtividade, a autovigilância e a cobrança internalizada

atuam como dispositivos que corroem a experiência do tempo e desestabilizam a construção de sentido. No contexto da formação em Psicologia, tais exigências se aliam à responsabilidade de cuidar do outro, intensificando dilemas existenciais e éticos vividos ao longo do percurso acadêmico.

Conclusão:

Ao alcançar o quinto ano, percebeu-se que os estudantes amadurecem academicamente e pessoalmente, integrando experiências práticas e reflexões teóricas que refinam sua compreensão das complexidades da psique humana. A reflexão sobre o sentido da vida se torna mais sofisticada e conectada às suas práticas futuras como psicólogos, enriquecendo não apenas suas habilidades profissionais, mas também sua empatia e compreensão dos clientes e pacientes.

As contribuições filosóficas de pensadores como Martin Heidegger, Byung-Chul Han e Maurice Merleau-Ponty oferecem uma diversidade de abordagens fenomenológicas e existenciais que enriquecem ainda mais essa reflexão.

Portanto, integrar essas perspectivas nos capacita a uma compreensão mais holística e compassiva das questões existenciais e do sentido da vida, em um mundo em constante mudança e desafios crescentes de conexão e significado. Portanto, à medida que continuamos nossa jornada em busca de significado e propósito, é fundamental reconhecer que essa busca não é estática, mas sim dinâmica e influenciada pelo contexto e pelas experiências vividas. Cada desafio nos oferece a oportunidade de crescer, adaptar nos e transformar-nos, moldando nossa compreensão do que significa ser verdadeiramente humano. Nesse sentido, a filosofia de Heidegger ressoa como um guia poderoso para uma vida vivida com consciência, autenticidade e um compromisso contínuo com a busca do sentido em nossa existência.

Referências:

HAN, Byung-Chul. **A expulsão do diferente**. Petrópolis: Vozes, 2015.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 2012.

MARQUES, R. F. Corpo e liberdade: possibilidade, condição, ambiguidade. **Voluntas: Revista Internacional de Filosofia**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 5–17, 2019. DOI: 10.5902/2179378636669. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/36669>. Acesso em: 3 ago. 2025.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SANTOS, Ítala P. do A. Fenomenologia do onírico: a gestalt-terapia e a daseinsanálise. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 24, n. 1, 2004. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pcp/a/DPjggT7N746PLp5WL9wtw7v/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 3 ago. 2025.